

(GT: Interseccionalidades)

Mulheres negras bissexuais: o estigma social e seus atravessamentos na construção da identidade

Duana Eduarda Elias da Silva¹
Elisangela de Sá²

Resumo: A questão racial é pouco aprofundada nos estudos sobre bissexualidade, especialmente no contexto no qual mulheres negras bissexuais enfrentam complexidades e singularidades acerca da sua identidade. O objetivo deste trabalho é analisar como o estigma social, associado à condição de ser mulher negra e bissexual, molda a identidade dessas mulheres. Utilizando a interseccionalidade como método analítico, investigamos as opressões sociais e suas nuances específicas. Os resultados confirmam que o estigma social afeta negativamente a identidade das mulheres negras bissexuais, destacando a necessidade de investigações mais detalhadas sobre as diversas formas de violência enfrentadas por esses corpos.

Palavras-chave: Mulheres negras; bissexualidade; interseccionalidade; estigma social; identidade.

Abstract: The racial matter is not deeply discussed in studies about bisexuality, speciality in the context where bisexual black women confront complexities and singularities about their identity. The aim of the study is to analyze how the social stigma, associated with the condition of being a bisexual black woman, shapes the identity of these women. Using intersectionality as an analytical method, we explored the social oppressions and the specific nuances. The results confirm that social stigma negatively affects bisexual black women identity, highlighting the need for more detailed investigations about the different forms of violence faced by these bodies.

Keywords: Black women; bisexuality; intersexuality; social stigma; identity.

¹ Graduada em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e mestranda no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da mesma universidade. E-mail: pg405396@uem.br.

² Graduada em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e mestranda no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da mesma universidade. E-mail: pg405397@uem.br.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte de uma preocupação antiga de autoras feministas negras como Patrícia Hill Collins (2019) e Audre Lorde (2019), sobre como as pesquisas acadêmicas frequentemente escolhem não realizar ou aprofundar análises pautadas no recorte racial. Ambas as autoras alertam para a urgência de considerar as especificidades históricas que moldam as subjetividades dos corpos negros, especialmente das mulheres negras. Isso pode ser observado em artigos sobre bissexualidade, onde as mulheres são frequentemente mencionadas sem um recorte racial. Um exemplo disso é o estudo de Davi e Queiroz (2021). Apesar de entrevistarem duas mulheres negras e enfatizarem essa informação no resumo e na introdução, a análise sobre trajetórias e construção da identidade bissexual não reflete essa especificidade, limitando-se a um campo de análise apenas da sexualidade. Portanto, o presente trabalho tem o propósito de analisar como se dá a construção da identidade para a mulher negra bissexual, tendo em vista que muitas vezes esses marcadores sociais são perpassados por interseccionalidades.

O conceito de interseccionalidade foi cunhado academicamente por Kimberlé Crenshaw (1989) como um método de análise teórico-crítico. Esse conceito enfatiza que a vida das mulheres é constantemente moldada por aspectos categóricos que as expõem a diferentes formas de violência. Isso implica numa prática que não se limita a um único aspecto, como o gênero, mas pode resultar de múltiplas motivações, como raça, classe social, sexualidade, regionalidade, entre outros. Assim, a interseccionalidade demonstra que as violências engendradas vivenciadas por mulheres não são demarcadas por apenas um fator, mas pode e há uma multiplicidade de fatores que perpassam essas violências, não sendo qualificado uma situação melhor ou pior que a outra devido a ter menos marcadores se interseccionando, mas sim que essas violências devem ser enxergadas de forma subjetiva, pois não são universais para todas as mulheres e não as atingem da mesma maneira.

Dito isso, no caso das mulheres negras, essas múltiplas formas de violência foram denunciadas e analisadas em produções acadêmicas e não acadêmicas mesmo antes da consolidação do conceito. Exemplos disso são os trabalhos de Lélia

Gonzalez (2016) e Carolina Maria de Jesus (2014). Esta última, ao relatar seu cotidiano na obra “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”, sendo atravessado por desigualdades, racismo e questões referentes ao gênero, expõe uma realidade dolorosa e presente nas histórias de vida das mulheres negras cotidianamente.

Solange Gil de Azevedo (2019), em sua dissertação de mestrado, resgata a memória de sua própria história de vida como mulher negra e periférica. Sua escrita se origina de um lugar subjetivo e atravessado, e o resultado de sua produção é fundamentado na “escrevivência”, conceito que, segundo Azevedo, consiste em “escrever-viver” histórias de mulheres negras, utilizando a escrita como uma forma de produção de conhecimento e expurgo, inspirado a partir da escritora e linguista Conceição Evaristo³ e sua vasta produção. Para a autora, sua dissertação é um instrumento de resistência e denúncia das violências sofridas, refletindo uma repetição histórica. Essa violência é uma constante na realidade das mulheres negras e, portanto, também está presente na vida da pesquisadora, bem como, nas palavras da autora, expurga:

Minha infância e adolescência foram marcadas pela pobreza, falta de moradia, alimento, violência física, sexual, psicológica e pela presença do alcoolismo na vida de meu pai. Morava em um bairro da cidade, desde os meus 10 anos de idade, onde era muito comum o uso de drogas, acesso ao tráfico, não concluir o ensino fundamental e/ou médio, o trabalho doméstico, gravidez na adolescência, casar cedo e ser violentada pelo parceiro. Sempre tive como referência minha irmã mais velha, até mesmo porque foi ela quem me criou desde os seus 7 anos de idade, pela ausência da minha mãe, na tentativa de garantir o sustento da família, e a ausência de meu pai, pelo uso abusivo de álcool e o machismo (Azevedo, 2019, p. 19).

Lélia Gonzalez (1984), nos diz que o racismo produz imagens estereotipadas sobre as mulheres negras que são violentadas e as colocam em um lugar de subalternidade. A imagem da mulata, doméstica e mãe preta (Gonzalez, 1984, p. 224) são figuras presentes em diferentes mulheres ou em uma mesma mulher. A mulata,

³ Uma obra significativa dentre tantas de Evaristo é: *Insubmissas lágrimas de mulheres*, contendo histórias de vida narradas pela autora, a partir de relatos ouvidos com o coração e o partilhar de experiências, como mulher negra. Ver em: EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

admirada por uma beleza exótica, no cotidiano se transfigura na empregada doméstica entendida como incapaz e destinada apenas ao trabalho braçal e não intelectual. Essas rotulações são prejudiciais na medida em que o detentor do poder historicamente legitimado, o homem branco, cisgênero, heterossexual e colonizador, determina um lugar social específico e dita quem é o ego de referência socialmente aceito. Essa configuração de poder também está presente em Patricia Hill Collins (2019), quando a autora descreve as imagens de controle, que são perspectivas sobre as mulheres negras elaboradas por esse dominador, causando dor e sofrimento físico e psicológico.

Acerca da bissexualidade, pessoas bissexuais experienciam bifobia em espaços heterossexuais e também dentro do próprio movimento LGBTQIAP+, como aponta Cruz et.al., (2022). A bifobia é marcada por complexidades identitárias que perpassa por um conflito inserido na zona entre a heterossexualidade e a homossexualidade, no qual identidades:

Monossexuais (heterossexuais, homens gays e lésbicas) investem no apagamento de pessoas bissexuais. Esse, em primeiro lugar, decorre de um desejo de estabilizar categorias identitárias, como também uma forma de continuar privilegiando a heterossexualidade e demonstrando a imutabilidade de identidades gays e lésbicas (Nelson, 2024, p. 39, tradução nossa).⁴

Assim, a formação de discursos contra pessoas que se assumem bissexuais acontecem dentro de perspectivas que hipersexualizam, fetichizam e inviabilizam essas pessoas, principalmente mulheres (Cruz et.al., 2022, p. 8). Dessa forma, seus corpos são estereotipados e estigmatizados (GOFFMAN, 1988).

Portanto, considerando que as mulheres negras bissexuais sofrem violências relacionadas a sua raça, gênero e sexualidade, o presente trabalho irá discorrer sobre como os estigmas sociais impactam a identidade de mulheres negras bissexuais nas

⁴ “He writes that monosexuals (i.e., heterosexuals, gay men, and lesbians) have an investment in bi+ erasure. This firstly stems from a wish to stabilise identity categories so as to continue the privileging of heterosexuality and to demonstrate the immutability of gay and lesbian identities.” Ver em: NELSON, Rosie. Defining Bi+ Invisibility. In: Making Space for Bi+ Identities: explorations of genders, identities, and relationships. 1. ed. New York: Routledge, 2024. p. 37-66.

linhas que se seguem, abordando em um primeiro momento a questão da identidade, em seguida, o estigma social, o gênero, a bissexualidade, e a raça, e como esses fatores influenciam a construção de suas noções identitárias, assumindo como método de análise a Interseccionalidade, considerando que esses estigmas se entrecruzam de diferentes formas durante essa construção, bem como faz Akotirene (2019), ao enfatizar que analisar as questões relacionadas às mulheres negras a partir de um ponto de vista interseccional que conecta as opressões e seus encontros identitários, e bem como faz Collins (2019), que é enfática em sua produção quando alerta que é urgente que questões relacionadas a mulheres negras assumam um viés interseccional, político e epistêmico feminista negro para uma compreensão total do objeto que também é sujeito de pesquisa.

2. DESENVOLVIMENTO

A formação da identidade de um sujeito é usualmente compreendida como sendo unicamente individual, porém essa compreensão é equivocada, visto que estamos inseridos em uma sociedade incubada de diferentes significados que nos atingem e nos constroem diretamente. Nessa perspectiva, Roberto Cardoso de Oliveira (1976), explica que o individual e a vida coletiva compõem a identidade, pois os aspectos que atravessam o ser estão constantemente influenciando a sua percepção de si mesmo. Dessa forma, particularidades culturais estão inseridas na formação identitária. O autor trabalha o conceito de Identidade Social, sendo justamente a partir desse coletivo no qual o indivíduo faz parte e realiza suas práticas cotidianas que se forma o eu. Agrupamentos grandes, como etnias, religiões e nacionalidades, constituem uma identidade específica, e dentro desses grandes grupos, também operam os pequenos grupos e as várias identidades dos sujeitos. Assim, a identidade é correlacional (OLIVEIRA, 1976), e essa identificação com os pequenos grupos parte de um sentimento de pertencimento e partilhamento de valores. Assim, entende-se que a identidade social é construída ao longo da vida, podendo ser exercida de diferentes formas e nas diferentes instituições.

Outro ponto importante a destacar sobre a identidade é que ela pode ser

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

contrastiva e interétnica, sendo que a identidade contrastiva diz respeito à marcação de um nós em relação a um outro (Oliveira, 1976, p. 5). Esse conceito abrange diferentes grupos sociais e ressalta que a construção de uma identidade específica que só existe na autoafirmação em relação ao externo. A *autodefinição* de mulheres negras, nos termos de Patricia Hill Collins (2019), diz respeito a um processo de construção de noções próprias, contrárias aos estereótipos atribuídos, permitindo que se reafirme a identidade de quem se é em resistência a uma atribuição exterior.

Em outro sentido, o autor segue e nos apresenta a Identidade Étnica, que também assume um caráter de oposição, de um nós para um outro. Porém, um ponto interessante é que essa afirmação de quem se é coletivamente ocorre a partir de uma situação que se denomina como fricção interétnica (Cardoso, 1996, p. 01) de dois grupos étnicos. Dessa forma, a situação de fricção faz com que o grupo resgate e cultive seus aspectos ancestrais, desperte o sentimento de pertencimento, e também enfatiza a necessidade de se manter costumes e valores de forma geracional. Dessa forma, a identidade social, contrastiva e étnica são caracterizadas por afirmações através do discurso, quando se reafirma quem se é, nas vestimentas, na linguagem, no portar-se, nos rituais e hábitos, dentre outras formas de manifestação que tem como centro a comunicação com o externo. Percebe-se esse aspecto, no texto de Giralda Seyferth (2004), que ao tratar sobre a construção da identidade de imigrantes alemães em Blumenau - SC, no século XX, discorre sobre o manter a cultura e ancestralidade alemã através de escritos, que marcaram sua oposição a outros grupos do país.

Contudo, essa identidade que é construída, discursiva, expressa de diferentes formas e fluida de acordo com os contextos, pode sofrer distorções e consequências dessas oposições. A construção da identidade de um coletivo pode acontecer a partir da distorção de um outro. A essa negativa tem-se o nome de Estigma Social (GOFFMAN, 1988).

O conceito de estigma social em Erving Goffman (1988) diz respeito a uma série de definições exteriores de um sujeito, que o marca e o coloca em uma posição social que o imobiliza diante das diferentes situações, sendo uma dolorosa ferida que degenera a imagem do ser diante do contexto no qual se encontra inserido (Santos e

Lima, 2020, p. 3). O estigma é uma atribuição coletiva, pois apenas um sujeito não é capaz de atribuir com tanta força uma imagem degeneradora, ele o faz de forma coletiva com diferentes agentes compartilhando das mesmas percepções. Isso faz com que tais percepções sejam sociais e se refiram a uma característica física, mental, emocional, a um grupo ou ação específica de sujeitos inseridos em contextos nos quais a atribuição é recorrente. A exemplo das mulheres negras que, quando possuem características físicas como o formato do nariz mais largo e o cabelo crespo, o coletivo dominador atribui a tais características opiniões morais e negativas. Seguindo no norte que o autor nos apresenta, o estigma é sempre direcionado e depreciativo, ao contestar o que é normal, o diferente possui atributos que o tornam marcado e anormal. Segundo o autor:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. Observe-se que há outros tipos de discrepância entre a identidade social real e a virtual como, por exemplo, a que nos leva a reclassificar um indivíduo antes situado numa categoria socialmente prevista, colocando-o numa categoria diferente, mas igualmente prevista e que nos faz alterar positivamente a nossa avaliação. Observe-se, também, que nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo (Goffman, 1988, p. 5).

O estigma marca um nós e um outro, uma identidade exterior e uma identidade social. O negativo pode se referir a características físicas consideradas como abominações do corpo, condutas consideradas inatas a membros de um determinado grupo ou marcados por algum acontecimento individual, como pessoas viciadas em álcool e características regionais, nacionais e raciais (GOFFMAN, 1998, p. 07). Essa identidade atribuída e julgada é caracteristicamente influenciada por uma moral e de acordo com os pensamentos que circulam socialmente, podendo ser alterada conforme o contexto histórico.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

2.1 Gênero e bissexualidade

A afirmação da existência de um gênero entre pessoas e sua conceituação passou por modificações ao longo dos séculos através de estudos de diferentes áreas científicas. Valeska Zanello (2002) afirma que o gênero era visto a partir das semelhanças entre os órgãos genitais femininos (mulher) em relação aos órgãos masculinos (homem). Ainda segundo a autora, o filósofo Laqueur, então, percebe que há diferenças nas genitais masculinas e femininas, e a partir disso, o foco passa a ser nas diferenças e não mais nas semelhanças. A ênfase nas diferenças físicas entre homens e mulheres fizeram com que se naturalizassem as desigualdades sociais e os papéis de gênero que cada gênero deveria performar. A filósofa Judith Butler (2018), ao contrário do que havia sido definido até então, elabora o gênero como sendo uma construção social, perpassando por categorias que são discursivas, temporais, ilusórias e performáticas. Essa performance é executada a partir do que a sociedade constroi como feminino e masculino, lido de forma binária e como opostos. A contribuição de Judith Butler (2018), modifica a forma como gênero era visto e tratado, servindo de base para muitos estudos sobre gênero e estudos LGBTQIAPN+. Assim, entender a historicidade do conceito de gênero possibilita entender também qual local a bissexualidade ocupa nessas discussões.

Bissexualidade, é um termo guarda-chuva usado comumente para descrever uma série de identidades, comportamentos e formas de atração não-monossexuais, como pansexuais e não-binários (FLANDERS, 2017). A bissexualidade, apesar de ter sido “central para a construção das categorias binárias de sexo e gênero” (Monaco, 2021, p. 94), não é reconhecida ou/e validada cientificamente e socialmente. Pessoas bissexuais sofrem constante apagamento acerca da sua identidade, sendo consideradas pessoas promíscuas, indecisas ou que estão vivendo uma fase que tem um prazo de validade e logo retornarão a sua verdadeira essência: heterossexual ou homossexual. A negação e o estigma da bissexualidade leva elas “a serem estatisticamente mais propensas do que outras sexualidades, a terem experiências de ansiedade, depressão, suicídio, transtorno alimentar, mutilação, violência doméstica

e sexual” (Nelson, 2020, p. 2, tradução nossa)⁵.

Quando interseccionado ao gênero e a raça, o apagamento acontece de forma ainda mais profunda, pois não somente sua sexualidade está sendo exposta como algo errado e desviante, como também ser mulher e ser negra, que historicamente foi e é alvo de preconceitos e discriminações, sendo preterida em todas as dinâmicas sociais. Dessa forma, é importante que demos visibilidade e voz a essas mulheres, pois muitas vezes elas são relegadas ao âmbito privado (do lar, casamento, filhos) e seus desejos, vontades e o próprio eu ficam de lado diante de sujeitos que são considerados canônicos para as discussões e análises sobre identidade, gênero e sexualidade.

2.2 mulheres negras, bissexualidade e estigma social

Os estereótipos e imagens de controle historicamente associados às mulheres negras compõem reações sociais e consequentemente estigmas sociais associados a elas. De acordo com Moreira (2023), a identidade da mulher negra é construída inicialmente por esses estereótipos, assim “são esperados certos comportamentos ou posturas dessas mulheres para que sejam aceitas socialmente. Não são levadas em consideração as suas subjetividades” (Moreira, 2023, p. 17). Dessa forma, aspectos sobre a sua sexualidade, constantemente associadas a uma perversão e disposição infinita para o sexo ou trabalho social, bem como a sua incapacidade intelectual, incapacidade de desenvolver emoções complexas, ser resistente a dores físicas, e também sobre o seu perfil como sendo uma mulher barraqueira, que fala alto, sem etiqueta. Esses aspectos são internalizados pelo sujeito, causando danos em sua psique, pois o estigma navega o subconsciente do estigmatizado, o fazendo acreditar na negativa, esconder e adoecer (GOFFMAN, 1988). As mulheres negras vivem esses rótulos e os reproduzem em suas individualidades, como por exemplo, alisando seus

⁵ Do original “According to multiple international studies from North America, the UK, and Australia, plurisexuals are more likely than any other sexual identity to experience periods of anxiety, depression, suicidality, eating problems, self-harm, domestic violence, and sexual violence”. Ver em: NELSON, Rosie. “What do bisexuals look like? I don’t know!” Visibility, gender, and safety among plurisexuals. **Journal of Sociology**, v. 56, n. 4, p. 2. Universidade de Bristol, Bristol, 2020.

cabelos, recusando relacionamentos amorosos com pessoas negras e procurando uma ascensão social a partir de um branqueamento de sua personalidade em busca de um ego outro, bem como aponta Neusa Souza Santos (2020).

Tendo alguns exemplos como reflexo desse estigma social no cotidiano social, podemos resgatar o contexto de mulheres negras dentro do espaço acadêmico. bell hooks (1995)⁶, escreve sobre a experiência de suas alunas na produção acadêmica, relatando desafios em seus percursos e que fizeram com que as pesquisadoras desistissem de suas trajetórias universitárias. O estigma da incapacidade intelectual, a falta de orientação para pesquisas, a pressão dos orientadores proveniente do racismo, e a sensação de isolamento devido a essas exclusões são motivos associados a essa desistência. O racismo estrutural (ALMEIDA, 2020) é reproduzido por professores dentro da universidade, devido ao olhar coletivo do corpo docente que muitas vezes reproduz o estigma da inferioridade intelectual da mulher negra. Quando essa mulher já estigmatizada, assume uma sexualidade também estigmatizada, novas violências e novos desafios se tornam aparentes.

A partir dessa compreensão, a mulher negra ao reconhecer e assumir uma identidade bissexual, se torna mais propensa ao estigma e a discriminação, pois os estigmas associados a ser mulher negra se associam ao fato de ser também bissexual, submetendo-a a um não-lugar. O não-lugar é o não pertencimento ou/e a fluidez de pertencimento a grupos específicos, ao mesmo tempo que ser uma mulher negra a coloca num espaço de identificação com outras mulheres negras, ser também uma mulher bissexual a tira parcialmente desse espaço se outras mulheres também não se identificarem como bissexuais; e o mesmo acontece ao contrário, ser uma mulher bissexual em um espaço bissexual, mas totalmente branco. Monaco (2021), através da definição de Anzaldúa (1999)⁷, estabelece que estar no não-lugar é estar também entre-lugares, pois:

Ela se encontra ao mesmo tempo sem pertencimento a lugar algum e pertencendo a todos os lugares e culturas. Sem pertencimento porque ela não

⁶ Adotou-se utilização da escrita do nome próprio por compartilhar de uma ideologia que a autora tem sobre seu próprio pseudônimo. Para ela, o que deve ser destacado em um texto é a ideia e intenção presente no texto e não quem o escreveu - seu nome.

⁷ ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The new Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1999.

é por completo nenhuma das partes que a compõem, mas pertence a todos os lugares devido à multiplicidade de lugares que se fazem presentes nela (Monaco, 2021, p. 9).

Assim, a construção da identidade da mulher negra e bissexual é perpassado por fronteiras, que se deslocam em identidades que ora evidenciam uma parte, ora outra parte é evidenciada, colidindo e se sobrepondo entre si, formando identidades únicas, mas que por conta da sua mutabilidade, é invisibilizada e alvo de várias violências.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estigmas associados ao corpo das mulheres negras, é percebida e sentida desde a infância. O processo de elaboração identitária como uma pessoa negra é influenciado por piadas acerca do cabelo, do nariz, boca, cor da pele, tipo físico, assim como relata Djamila Ribeiro (2018, p. 8). Essa violência se repete na adolescência, quando as relações estão sendo fundadas, na medida em que esse corpo é constantemente não escolhido para laços afetivos duradouros. Na fase adulta, o abandono por parceiros, a solidão cotidiana também faz parte dessa vivência, assim, pergunta-se como o amor é compreendido por mulheres negras?. bell hooks (2021, p. 35) aponta na direção justamente do que foi dito nas linhas que se antecedem. Assim, a inserção em relacionamentos violentos e abusivos é comum. A bissexualidade, ao mesmo tempo, reforça essa solidão e sensação de abandono, pois em uma sociedade monossexual, não há lugar para outras sexualidades que destoam da heterossexualidade ou homossexualidade, colocando a mulher negra bissexual em uma posição periférica social, afetiva e economicamente.

A responsabilidade afetiva e racial torna-se questão independente do gênero que se relacione à mulher negra, e ao lidar com três identidades distintas (gênero, raça e sexualidade) - soma-se classe, deficiências entre outras - ao mesmo tempo entrecruzadas pela interseccionalidade, os efeitos são danosos e psicofísicos, atravessando diretamente a identidade sexual, racial e social das sujeitas, transformando o processo de autoestima e amadurecimento em um processo

atravessado por dores que as acompanham desde a infância.

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina (Butler, 2018, p. 14-15).

Assim, o presente trabalho considerou como indispensável o pensar a bissexualidade de mulheres negras a partir de um olhar interseccional, e durante a pesquisa referencial nas bases de dados “SciELO” e “Capes períodos”, percebemos que o campo de pesquisa relacionados a bissexualidade e a bissexualidade de mulheres negras ainda é escasso fazendo-se com que, seja um espaço de pesquisa que precisa de olhares interessados e dispostos a olhar com cuidado para tais questões. A afetividade de mulheres negras bissexuais, a infância, adolescência, e a questão do envelhecimento, são possibilidades para pesquisas futuras e mais aprofundadas.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Introdução à noção de fricção interétnica. In: **O índio e o mundo dos brancos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996. p. 15-30.

_____. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira,

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

1976.

CRUZ, B. F.; LIMA, M. L. C.; CARNEIRO, L. R. C. Faces da bifobia dentro (e fora) da comunidade LGBTQIAP+: reflexões a partir de narrativas de pessoas bissexuais. **Sexualidad, salud y sociedad: revista Latinoamericana**, n. 38, 2022.

FLANDERS, Corey E. Under the Bisexual Umbrella: Diversity of Identity and Experience. **Journal of Bisexuality**, Londres, v. 17, n. 1, p. 1-6, mar. 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma e identidade social**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1988.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, trad. Marcos Santarrita, ano 3, n. 2, 1995. p. 464-478.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MONACO, Helena. Entre muros, pontes e fronteiras: teorias e epistemologias bissexuais. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 8, n. 16, p. 91-106, jan. a abr. 2021.

MOREIRA, J. E. F. C. **A construção da identidade da mulher negra: um estudo semiótico**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

NELSON, Rosie. “What do bisexuals look like? I don’t know!” Visibility, gender, and safety among plurisexuals. **Journal of Sociology**, v. 56, n. 4, p. 1-17. Universidade de Bristol, Bristol, 2020.

_____. Defining Bi+ Invisibility. In: **Making Space for Bi+ Identities: explorations of genders, identities, and relationships**. 1. ed. New York: Routledge, 2024. p. 37-66.

RIOS, Flávia; RATTS, Alex. A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez. In: PINTO, Ana Flávia Magalhães; CHALHOUB, Sidney (orgs.). **Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil, Séculos XIX e XX**. Cruz das Almas: UFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

SEYFERTH, Giralda. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizonte Antropológico**, v. 10, n. 22, 2004. p. 149-197.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná